

# NOTA SOBRE MUSICOLOGIA E MODERNISMO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i32p134-146>

Walnice Nogueira Galvão

## RESUMO

Apesar da lição de Mário de Andrade, cuja atuação privilegiava tanto a literatura quanto a música, o tempo trouxe privilégio para a primeira. A produção de teoria e pesquisa em musicologia hoje no Brasil é abundante e de alta qualidade, e as Letras só têm a perder mantendo-se alheias. Nesse sentido, são examinados os três principais tipos de instituição onde tais estudos se desenvolvem, a par com os especialistas que os representam: os centros de pesquisa, as Universidades e as Ongs.

## PALAVRAS-CHAVE:

*Literatura;  
musicologia;  
teoria;  
pesquisa.*

## ABSTRACT

*Despite the lesson of Mário de Andrade whose work privileged both literature and music time has brought privilege to the former. The production of theory and research in musicology in Brazil today is abundant and of high quality, and Letters have only to lose by remaining aloof. In this sense the three main types of institutions where such studies are developed are examined, along with the specialists that represent them: research centers, universities and NGOs.*

## KEYWORDS

*Literature;  
musicology;  
theory;  
research.*

**P**ode parecer supérfluo frisar a presença da música na Semana e no modernismo, mas com o passar do tempo os estudos literários tenderam a se ensimesmar, ganhando distância. Os vários livros que saíram agora no Centenário de 22, ao tratar o modernismo por prismas diversos, que vão desde a moda até a gastronomia, deixam a música menos aquinhoadada. Por isso, não custa ressaltar a valia excepcional da gravação dos CDs que constituem a música da Semana, finalmente resgatada após um século: façanha de musicólogos, de que adiante se falará.

Certamente não era essa a vontade de Mário de Andrade, professor de piano, estética e história da música no Conservatório Dramático e Musical. Sabemos como valorizava a arte e o quanto se bateu pela invenção de uma música brasileira moderna. E não só: já se apurou em que medida essa impregnação sonora iria servir também à estruturação de suas obras literárias<sup>1</sup>. Acrescentem-se os muitos “argumentos” (como dizia, para distingui-los dos libretos) que forneceu para obras de compositores amigos<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Gilda de Mello e Souza, *O tupi e o alaúde*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

<sup>2</sup> Analisados em Flávia Camargo Toni, *Café, uma ópera de Mário de Andrade: Estudo e edição anotada*, tese de livre-docência, IEB-USP, 2004,

Ao que tudo indica, repontam aqui os resultados a longo prazo dos males da especialização, e a conseqüente compartimentação do saber: apartaram cada vez mais quem trabalha em Letras dos estudos de música. Uma observação adicional é a de que o contingente destes profissionais, com o alto número de dissertações e teses que se tornam livros, é bem maior que o de música. E, antes da institucionalização dos Departamentos de Música na Universidade, muitos trabalhos de musicologia foram executados sob a égide das Letras, quando não da Antropologia.

Hoje, não podemos minimizar o papel das escolas de música, tantas e de tão alta qualidade pelo Brasil afora, embora concentradas em certas cidades como Rio de Janeiro, Mariana, Itu, ou São Paulo com a Eca-USP e a Escola Tom Jobim. Ao todo 116 faculdades de ensino superior oferecem cursos de música, segundo informa o MEC. O ambiente dos estudiosos é movimentado, circulando por revistas impressas e eletrônicas, sem falar em congressos e outras reuniões científicas, tudo isso dando origem a excelentes livros. Afora o ensino superior, contamos ainda com as Ongs ou outras agremiações dedicadas à música popular tradicional, com sua atuação no âmbito não só da musicologia como no de seu avatar, a etnomusicologia.

Diante desse quadro, seria conveniente tomar este campo do conhecimento não como algo homogêneo e indiscriminado, porém tratar de respeitar suas vertentes institucionais mais salientes. Ou seja, trazer à luz e enfatizar o avanço dos trabalhos de musicólogos – louvando-se em Mário de Andrade, sempre - em três conjuntos: centros de pesquisa, Universidades e Ongs.

Cada um tem um perfil inconfundível e traz um aporte peculiar, às vezes até surpreendente. Este informe seleciona uma instituição de cada um das três conjuntos e dentro dela um especialista, para examinar mais de perto os diferentes talentos que modelam essas contribuições, bem

como o alcance que podem ter. A seleção focaliza: Flávia Camargo Toni no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP); Carlos Sandroni no Departamento de Música da Universidade Federal de Pernambuco; Paulo Dias na Ong Cachuera!. O objetivo é cartografar uma amostra fiel da vasta rede de estudos de musicologia que se alastra pelo país.

### **1) Em centro de pesquisa**

A trajetória pessoal de Flávia de Camargo Toni está vinculada à do IEB, hoje a maior concentração de acervos e pesquisas sobre o modernismo. Idealizado por Sergio Buarque de Holanda para congregar todas as disciplinas da USP que fossem “brasileiras” (literatura brasileira, história do Brasil, sociologia e antropologia do Brasil, geografia brasileira etc etc etc), em 1962, passaria a receber a doação de arquivos de grandes intelectuais.

O mais marcante, e que acabaria por se confundir com o próprio perfil do IEB, foi o de Mário de Andrade, recebido em 1968 por intermediação de Antonio Candido. Em pouco mais de meio século, seria organizado pelas mãos de muitos da casa, mas sobretudo as de Telê Ancona Lopez, a maior especialista existente. À medida que o abundante material era submetido à organização, ia exigindo a criação de novas metodologias, com base na codicologia, na arquivística e na crítica genética, entre outras. A produção teórica é modelar e vai impondo novos padrões para as investigações, que vão expandindo esta área do saber.

O braço direito de Mário de Andrade em questões de música foi Oneyda Alvarenga, diretora da Discoteca por ele criada quando à frente do Departamento de Cultura. A morte precoce de Mário em 1945 deixou muitos de seus trabalhos inacabados e Oneyda assumiu a tarefa – hercúlea é o mínimo que se pode dizer - de levá-los a bom termo. Foi assim que ela preparou, a partir de materiais heterogêneos como manuscritos, datiloscritos, recortes de jornal bem rasurados, cartas, anotações avulsas,

marginália nos livros, as *Danças dramáticas do Brasil*, que renderiam 3 volumes, *Os cocos*, *Melodias do boi* e mais a correspondência que ambos trocaram.

Para concluir o *Dicionário musical brasileiro*<sup>3</sup>, Oneyda recebeu a colaboração de Flávia, que viria a terminá-lo sozinha. Eram nada menos que 3.574 envelopes, um para cada verbete, e o volume impresso atingiria mais de 700 páginas. A essa altura, na década de 80, Flávia foi chamada para organizar o acervo da Missão de Pesquisas Folclóricas que Mário, quando no Departamento de Cultura, enviara ao Nordeste e Norte. A Missão ficara sem sequência, engavetadas as toneladas de material recolhido – em fotos, filmagens, registros sonoros, gravações de danças, anotações manuscritas, objetos etc – hoje domiciliado no Centro Cultural São Paulo. Alguns anos de labuta acabaram por finalizar o projeto, com publicação de um catálogo e um CD, e mais a realização de uma vasta exposição, lá mesmo, em 1985<sup>4</sup>.

No IEB, Flávia começou pondo em ordem um armário cheio de partituras que pertenciam a Mário. Depois, tratou de completar o material que ainda estava inacabado, como a *Introdução à estética musical*<sup>5</sup>, cuja publicação preparou. Outro foi o trabalho de organização dos Programas Musicais. Mário, que frequentava os mais diversos concertos na qualidade de crítico musical de periódicos, tinha o bom hábito de guardar os programas. O que se revelou uma mina, porque permitia acompanhar a vida viva da música na cidade pelos olhos e ouvidos de um aficionado. Em seguida, Flávia pôs as mãos na coleção de discos de música popular. O

---

<sup>3</sup> Mário de Andrade, *Dicionário musical brasileiro*. São Paulo/Belo Horizonte: USP/Itatiaia, 1989.

<sup>4</sup> Flávia Camargo Toni, *A Missão de Pesquisas Folclóricas*. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, s/d.

<sup>5</sup> Mário de Andrade, *Introdução à estética musical*. São Paulo: Hucitec, 1995.

livro resultante <sup>6</sup> transcreve as anotações nas capas dos 161 discos do gênero que integravam a discoteca do escritor, e mais o que diziam de seus hábitos de escuta, bem como com os escritos (artigos, cartas, notas) em que figuravam.

Como não contávamos com estudos muito desenvolvidos no campo da música, tampouco havia metodologia de pesquisa em música. E isso é que vemos Mário criando, a partir de seus estudos e perquirições. E isso é novo, no Brasil. O IEB, através de seu quadro de pesquisadores, daria continuidade a tão importante linha de reflexão teórica.

A livre-docência de Flávia sobre *Café* <sup>7</sup>, trabalho de erudição exemplar, aborda um delicado problema ecdótico, tal a quantidade de edições e variantes. O libreto, destinado a ser musicado por Francisco Mignone, meta nunca concretizada, é o segundo produzido por Mário, cabendo o posto de primeiro a *Pedro Malasarte*, de Camargo Guarnieri. A tese aproveita a oportunidade para fazer o levantamento dos “argumentos”, ou embriões de libretos, que Mário forneceu a obras dos mais relevantes compositores brasileiros.

Depois disso, Flávia passaria oito anos organizando o acervo de Camargo Guarnieri, que nesse ínterim fora doado ao IEB. Voltando a Mário e ao modernismo, coordenou o livro *Sejamos todos musicais: As crônicas de Mário de Andrade na Revista* <sup>8</sup> Esse trabalho foi complementado pelo preparo de uma edição anotada de *Ensaio sobre a música brasileira* <sup>9</sup>, que estuda sua gênese e acrescenta um dossiê com a crítica que tem suscitado.

---

<sup>6</sup> Flávia Camargo Toni, *A música popular brasileira na vitrola de Mário de Andrade*. São Paulo: Senac, 2004.

<sup>7</sup> Id., *Café, uma ópera de Mário de Andrade: Estudo e edição anotada*, op. cit..

<sup>8</sup> Id., *Sejamos todos musicais: As crônicas de Mário de Andrade na Revista*. São Paulo: Alameda, 2020.

<sup>9</sup> Mário de Andrade, *Ensaio sobre a música brasileira*, edição anotada. São Paulo: Edusp, 2020.

Recentemente, a mesma pesquisadora, com parcerias, prestou um serviço inestimável ao resgatar a música das noitadas modernistas do Theatro Municipal em 1922. Em novas gravações, rendeu 4 CDs com Selo Sesc e um catálogo com conferências de então e estudos de agora. O título é: *Toda Semana: Música e literatura na Semana de Arte Moderna*. É um feito histórico, que aguardou um século para vir à luz.

## 2) Na Universidade

Desde o primeiro livro publicado, resultante do mestrado, já vemos Carlos Sandroni às voltas com o modernismo, como o título não esconde: *Mário contra Macunaíma : Cultura e política em Mário de Andrade*<sup>10</sup>.

Depois de estudar por vários anos e fazer doutorado em musicologia na França (Universidade de Tours, 1997), Sandroni publicaria *Feitiço decente - Transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)*<sup>11</sup>, cujo título homenageia Noel Rosa. Ali se debruça sobre a música popular brasileira e latino-americana, fazendo valer sua expertise de violonista, analisando o samba desse período de transição e propondo dois paradigmas. São eles o “paradigma do tresillo”, que comandaria o samba enquanto dança de par enlaçado, até ser sucedido pelo “paradigma do Estácio”, mais adequado ao desfile da escola de samba, que surge na virada dos anos de 20 para 30. A tradução para o inglês saiu em 2021, pela University of Illinois Press<sup>12</sup>.

Posteriormente, Sandroni faria concurso para o Departamento de Música da Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, posto que ocuparia

---

<sup>10</sup> Carlos Sandroni, *Mário contra Macunaíma : Cultura e política em Mário de Andrade* São Paulo: Vértice, 1988.

<sup>11</sup> Id., *Feitiço decente - Transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>12</sup> Id., *A respectable spell: Transformations of Samba in Rio de Janeiro*. Champaign: University of Illinois Press, 2021.

desde então e onde desenvolveria pesquisas, ampliando o interesse pela disciplina enquanto ia orientando dissertações de mestrado e teses de doutoramento. Escreveria inúmeros artigos e faria frequentes participações em congressos, dentro e fora do Brasil. Estabeleceu uma parceria com a Universidade Federal da Paraíba, onde também lecionaria por muitos anos, dilatando a repercussão do interesse por musicologia e etnomusicologia.

Maiores precisões sobre a definição de sua vocação e seus inícios de carreira recebem um apanhado na entrevista “Em busca dos sons e das suas trajetórias”<sup>13</sup>. Para tanto foi decisiva a originalidade decorrente da localização de sua Universidade no Recife, longe do eixo Sul-Sudeste. Isso propiciaria sondagens envolvendo os gêneros regionais e tradicionais mais típicos, quais sejam o maracatu, o coco, o frevo, o cabocolinho, o teatro de mamulengo e o cavalo marinho, esta variante do bumba-meu-boi. O cavalo marinho já está tombado, juntamente com o maracatu, como patrimônio imaterial brasileiro.

Foi na Universidade da Paraíba que colaborou com o projeto de pesquisa sobre os cocos, capitaneado pelos professores da casa Maria Ignez Novais Ayala e Marcos Ayala, discípulos declarados de Mário de Andrade. Sob o nome dos organizadores, sairia em 2000 o livro *Os cocos - Alegria e devoção*<sup>14</sup>, trazendo os resultados, acompanhado de CD e vídeo. O próprio Carlos Sandroni publicaria posteriormente, em nova colaboração com os Ayala, *Responde a roda outra vez: Música tradicional de Pernambuco e da Paraíba no trajeto da Missão de 1938*<sup>15</sup>, encartando um CD duplo com 27 gravações,

---

<sup>13</sup> Id., “Em busca dos sons e das suas trajetórias”, *REIA - Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, Ano 4, vol. 4, 2017.

<sup>14</sup> Maria Ignez Novais Ayala e Marcos Ayala, *Os cocos - Alegria e devoção*. Natal: Edufrn, 2000.

<sup>15</sup> Carlos Sandroni, *Responde a roda outra vez: Música tradicional de Pernambuco e da Paraíba no trajeto da Missão de 1938*. Rio de Janeiro: Do Autor, 2004.

mais um livreto com as letras dos cocos e outros gêneros, fotos de brincadeiras e brincantes, além de preciosos apontamentos

Entre seus muitos artigos sobre o modernismo, destacam-se: “Notas sobre Mário de Andrade e a Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938”<sup>16</sup>; “O acervo da Missão de Pesquisas Folclóricas, 1938-2012”<sup>17</sup>; e “Notas sobre etnografia em Mário de Andrade”<sup>18</sup>. Em todos eles avança na reflexão sobre os temas a que se tem dedicado, particularmente os feitos e teorias de Mário.

Musicólogo e etnomusicólogo, a ele devemos ainda outras contribuições sobre o modernismo, entre elas o esclarecimento, com base em documentação inédita, sobre os nexos entre Mário de Andrade e o casal Lévi-Strauss, tal como revelou no artigo “Mário, Oneyda, Dina, Claude”<sup>19</sup>. Ali propõe o argumento de que esses nexos eram bem mais formais e profissionais do que se supunha até então.

Não poderia passar sem menção seu estudo magistral sobre o desenvolvimento e institucionalização da etnomusicologia em nosso país<sup>20</sup>. O estudo revela como a área foi frutificando a partir do início dos anos 80, dedicando-se a localizar seus principais focos. É um modelo de trabalho para que outros venham a ser feitos, visando ao levantamento e registro histórico de áreas afins, em outras latitudes, para que não se percam de vista as diferentes linhagens e as contribuições decorrentes. Tudo isso é estratégico para a história da cultura, como mostra Sandroni.

---

<sup>16</sup> Id., “Notas sobre Mário de Andrade e a Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938”, *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, vol.28, 1999.

<sup>17</sup> Id., “O acervo da Missão de Pesquisas Folclóricas, 1938-2012”, *Revista Debates*, no. 12, 2014.

<sup>18</sup> Id., “Notas sobre etnografia em Mário de Andrade”, *Estudos Avançados*, no. 104, vol. 36, 2022.

<sup>19</sup> Id., “Mário, Oneyda, Dina, Claude”, *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, vol. 30, 2002.

<sup>20</sup> Id., “Apontamentos sobre a história e o perfil institucional da etnomusicologia no Brasil”, *Revista USP*, no. 77, março-maio 2008.

Uma tal dinâmica levaria à criação em 2002 da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET), da qual Sandroni foi o primeiro presidente, tendo capitaneado o congresso inaugural em Recife. E de sua revista *Música e cultura*, a que presta apoio e colaboração.

### 3) Numa Ong

Os integrantes da Associação Cultural Cachuêra!, presidida pelo concertista de piano e etnomusicólogo Paulo Dias, gostam de reivindicar sua estirpe: afirmam que são herdeiros da lição de Mario de Andrade e do modernismo, sua fonte perene de inspiração. Paulo é ex-aluno da USP (de Letras, aliás) e colaborou com o Coral USP, de que foi co-repetidor, enquanto dava aulas de percussão brasileira. A Associação dedica-se à pesquisa e difusão dos folguedos tradicionais.

Fundada por Paulo em 1996, a Ong de práticas e estudos sobre música afro-brasileira do Sudeste realiza exposições de jongo, congo e marujada na sede, chamada Espaço Cachuera, em São Paulo. Também promove há 23 anos, juntamente com mestras maranhenses, uma festa do Divino Espírito Santo, com elevação do mastro da bandeira e cerimônias votivas que vão até a descida do mastro, dias depois.

Cachuera! montou um arquivo de som e imagem, que já é notável mas não cessa de crescer, bem como um estúdio de gravação de última geração, que atende a outros músicos. Fez programas para a Rádio USP e para a Rádio Cultura. Gravou em campo os 6 CDs da Coleção Documentos Sonoros Brasileiros – Acervo Cachuera!, de música tradicional do Sul e Sudeste: 1 - *Congado mineiro*, 2 - *Batuques do Sudeste*, 3 - *Segredos do Sul*, 4 - *Famaliá, sons do Urucuia*; 5 - *Caixeiras da Casa Fanti-Ashanti tocam e cantam para o Divino*; e 6 - *Cristãos x Mouros nas danças dramáticas brasileiras*. E mais outros dois CDs: *São Paulo Corpo e Alma*, registro de brincadeiras em várias

localidades do estado, acompanhado de DVD e livro, e *Mosaico musical dos quilombos*, com material afro-brasileiro.

Tem um braço que se estende até o Maranhão, e outro até Sergipe, nisto também fiel à lição de Mário, que, quando na direção do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, rompeu as barreiras paroquiais do município e enviou a Missão de Pesquisas Folclóricas ao Nordeste e Norte. Cachuêra! enveredou pelo audiovisual e pelas filmagens, com uma coleção de DVDs, que já inclui o jongo do Vale do Paraíba, o batuque de umbigada paulista, excursionando até Sergipe para filmar o *Lambe Sujo - Uma ópera dos quilombos*. Em suma, a metodologia que utiliza é igualmente haurida na Missão e desenvolvida no trabalho de campo, privilegiando a autoria coletiva dos brincantes desses eventos em interação com membros do Cachuera!

O grupo editou vários livros atraentes, ilustrados com desenhos originais coloridos, tendo a matéria composta em fontes diferentes para não cansar nem entediar o leitor, trazendo fotos dos folguedeiros e minibiografias feitas a partir de depoimentos deles próprios. São os seguintes:

- *O jongo do Tamandaré* – a ser utilizado como material didático em sala de aula, acompanhado de CD e de DVD.
- *O batuque de umbigada de Tietê, Piracicaba e Capivari* – também contemplando didaticamente esta tradição afro-brasileira, com CD e DVD;
- *Um as mulheres que dão no couro* - trabalho com festeiras do Divino no Maranhão, acompanhado de CD.
- *Bumba-Boi* - o folguedo maranhense em São Paulo.
- *De São Luiz a São Luis* - sobre as semelhanças em termos de núcleos temáticos entre São Luiz do Maranhão e São Luis do Paraitinga, sua música, sua arquitetura, seus costumes e suas comunidades tradicionais.

- *Balanceia meu batalhão* - sobre as congadas de Atibaia.
- *São Paulo corpo e alma* - sobre as manifestações de música, dança e teatro popular no Estado de São Paulo, com 2 CDs e DVD.
- *Mosaico musical dos quilombos* - livro e CD com material afro-brasileiro

E, como queria Mário, em atenção a suas funções de professor do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, não se esquece a parte erudita. São regulares, ocorrendo mensalmente, os concertos de órgão (Cachuera! comprou e instalou um órgão de tubos) e de cravo, dedicados à difusão da obra de J. S. Bach, estes últimos a cargo do Grupo Carmina, especializado em música medieval, renascentista e barroca. Também ocorrem shows de música de câmara avançada e em fusion com música popular, obra de grupos altamente sofisticados, como o Anima ou o Vento em Madeira de Léa Freitas.

E não cessa aqui este rol incompleto.

Para conhecer melhor seus feitos ao nível da reflexão teórica, podemos recorrer a alguns eruditos artigos, pinçados de uma produção mais vasta, como por exemplo os da lista abaixo, todos da autoria de Paulo Dias:

“*A outra festa negra*”<sup>21</sup> – Alentado ensaio que contrapõe duas ordens de festividades negras. A primeira é considerada *honest*a, diurna, inserindo-se no calendário religioso dos brancos, extra-comunitária portanto, “para branco ver”. São as festas de cortejo realizadas pelas Irmandades negras, apresentando os Reis Congos e os congados. A outra é considerada *desonest*a, noturna, exclusiva, constitutiva da identidade, em comunhão com a ancestralidade, intracomunitária ou “de negros para

---

<sup>21</sup> Paulo Dias, “*A outra festa negra*”, in *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*, Istvan Jancsó e Iris Kantor (Orgs.). São Paulo: Edusp, 2001.

negros”. Estas são manifestações musicais coreográficas como o jongo, o batuque de umbigada, o candombe, sendo que o jongo, juntamente com o tambor de crioula do Maranhão, já foi tombado como patrimônio imaterial. “*Diversité et unité dans la musique populaire brésilienne*”<sup>22</sup> - Panorama contemplando a vasta e opulenta messe de nossa música tradicional, em apresentação para estrangeiros.

“Tradição e modernidade nas ingomas do Sudeste”<sup>23</sup> - Estudo comparativo entre jongo e candombe, eventos negros presentes no Sudeste brasileiro que têm em comum poesia/canto/dança, ao som de tambores sagrados esculpidos em troncos, e a poética metafórica de enigmas (*pontos*). Mutações imprimem-lhes novos rumos que os afeiçoam a diferentes contextos, na relação com os movimentos negros, as Ongs e as Universidades, sem esquecer o papel estratégico dos Pontos de Cultura.

“Os fios da trama: grandes temas da música popular brasileira”<sup>24</sup> - Estudo de síntese sobre as manifestações artísticas de brincadeiras populares, feito a cavaleiro por quem as conhece por dentro.

“O lugar da fala: conversas entre o jongo brasileiro e o ondjango angolano”<sup>25</sup> - Propõe a instigante hipótese de uma filiação para a prática democrática do parlamento originário, que, sobrevivendo a diáspora, acabaria por desembocar no jongo, onde é rastreável.

Duas entrevistas (v. pdf) iluminam com penetração o complexo percurso de Paulo Dias, que procura integrar anos de estudo de piano clássico em Paris a seu amor à percussão. Para ele, que maneja com perícia as duas

---

<sup>22</sup> Id., “*Diversité et unité dans la musique populaire brésilienne*”, com Marianna F. M. Monteiro, in *MPB - Musique Populaire Brésilienne*. Paris: Cité de la Musique, 2005.

<sup>23</sup> Id., “Tradição e modernidade nas ingomas do Sudeste” in *Culturas e diásporas africanas*, Cláudia Regina Lahni *et al.* Orgs. Juiz de Fora: UFJF, 2009.

<sup>24</sup> Id., “Os fios da trama: grandes temas da música popular brasileira”, com Marianna F. M. Monteiro. *Revista IEA*, no. 24, vol. 69, 2010.

<sup>25</sup> Id., “O lugar da fala: conversas entre o jongo brasileiro e o ondjango angolano” *Revista IEB*, no. 59, 2014.

ordens de instrumentos, oblitera-se a contradição entre erudito e popular. Aqui vão os títulos: “Grupo Cachuêra!”<sup>26</sup> e “Batuqueiro de informação”<sup>27</sup>. De todo modo, o acervo constituído por iniciativa e trabalho de campo da Associação Cachuera! é único e precioso.

\* \* \*

Como podemos verificar neste rápido informe, são ricos em diversidade, e convergentes no saber que produzem, tanto os centros de pesquisa quanto as Universidades e as Ongs. Graças a essas instituições, e procurando seguir os rastros de Mário de Andrade, já possuímos um tesouro de conhecimentos variados, ainda em vias de desenvolvimento e aberto a novas sondagens.

### Referências bibliográficas

- ANDRADE, Mário. *Dicionário musical brasileiro*. Oneyda Alvarenga e Flávia Camargo Toni (Orgs.). São Paulo/Belo Horizonte: USP/Itatiaia, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a música brasileira*, edição anotada por Flávia Camargo Toni. São Paulo: Edusp, 2020.
- AYALA, Maria Ignez Novais e AYALA, Marcos, *Os cocos – Alegria e devoção*. Natal: Edufrn, 2000.
- DIAS, Paulo. “A outra festa negra”, in *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*, Istvan Jancsó e Iris Kantor (Orgs.). São Paulo: Edusp, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Diversité et unité dans la musique populaire brésilienne”, com Marianna F. M. Monteiro, in *MPB – Musique Populaire Brésilienne*. Paris: Cité de la Musique, 2005.
- \_\_\_\_\_. “O lugar da fala: conversas entre o jongo brasileiro e o ondjongo angolano”. *Revista IEB*, no. 59, 2014.
- \_\_\_\_\_. “Os fios da trama: grandes temas da música popular brasileira”, com Marianna F. M. Monteiro. *Revista IEA*, no. 24, vol. 69, 2010.
- \_\_\_\_\_. “Tradição e modernidade nas ingomas do Sudeste” in *Culturas e diásporas africanas*, Cláudia Regina Lahni et al. (Orgs.). Juiz de Fora: UFJF, 2009.
- MELLO E SOUZA, Gilda de. *O tupi e o alaúde*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

---

<sup>26</sup> Id., “Grupo Cachuêra!”, in *Artes e letras - entrevistas*, Walnice Nogueira Galvão (Org.). São Paulo: Edusp, 2016.

<sup>27</sup> Id., “Batuqueiro de informação”, depoimento ao Museu da Pessoa, 2017.

MONTEIRO, F. “O lugar da fala: conversas entre o jongo brasileiro e o ondjongo angolano” *Revista IEB*, no. 59, 2014.

- \_\_\_\_\_. “Tradição e modernidade nas ingomas do Sudeste” in *Culturas e diásporas africanas*. Cláudia Regina Lahni *et al.* Orgs. Juiz de Fora: UFJF, 2009.
- SANDRONI, Carlos. “Mário, Oneyda, Dina, Claude”, *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, vol. 30, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Apontamentos sobre a história e o perfil institucional da etnomusicologia no Brasil”, *Revista USP*, no. 77, março - maio 2008.
- \_\_\_\_\_. *Feitiço decente – Transformações do samba no Rio de Janeiro (1917- 1933)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Responde a roda outra vez: Música tradicional de Pernambuco e da Paraíba no trajeto da Missão de 1938*. Rio de Janeiro: Do Autor, 2004.
- TONI, Flávia Camargo *A Missão de Pesquisas Folclóricas*. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Café, uma ópera de Mário de Andrade: Estudo e edição anotada*. São Paulo: Tese Livre-docência/USP, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Sejamos todos musicais: As crônicas de Mário de Andrade na Revista*. São Paulo: Alameda, 2020.
- \_\_\_\_\_. *Toda Semana: Música e literatura na Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Sesc, 2022.
- \_\_\_\_\_. *Música popular brasileira na vitrola de Mário de Andrade*. São Paulo: Senac, 2004.

**Walnice Nogueira Galvão** é professora emérita da FFLCH-USP. Publicou, entre muitos outros: *As formas do falso: um discurso sobre a ambiguidade eco de gatos* (1981); *Grande sertão: veredas* (1972); *Saco de gatos* (1981); *A donzela guerreira: um estudo de gênero* (1998); *Euclidiana: ensaios sobre Euclides da Cunha* (2009). Preparou a edição crítica de Euclides da Cunha, obra publicada em 1985. Em 2022, participou do livro *Modernismos 1922-2022* (Org. Gênese de Andrade) com o ensaio “A sociabilidade modernista”.